Ano XII — Lisboa, Dezembro de 1956 — N.º 140

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

TEMPO DE TRÉGUAS



Quando Maria sentiu confirmarem-se as promessas divinas da vinda do Messias, a sua exultação não conheceu limites e as expressões de louvor e gratidão brotavam-lhe dos lábios em torrentes de euforia: «O meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador. Santo é o Seu Nome. A Sua misericórdia é de geração em geração sobre os que O temem».

Todavia, uma sombra quase imperceptível velou por momentos a alegria da Bem-Aventurada. Nas suas palavras transpareciam os sinais de uma luta que se ia empreender, de uma luta sem tréguas, de uma luta que jamais teria fim. Essas palavras soavam num tom de solene prevenção: «Dissipou os soberbos, depôs dos tronos os poderosos, elevou os humildes, encheu de bens os famintos e despediu vazios os ricos».

Entretanto, ainda não chegara a hora da perturbação. O momento era de alegria. Não tardariam as visões e os cânticos harmoniosos do primeiro Natal e, poucos anos após, ainda os Mestres do Templo se regozijariam e regalariam com as palavras do Jovem Nazareno. Estava-se em tempos de acalmia: a luta só viria depois.

A primeira mensagem do Mestre é ainda uma mensagem de paz. «Arrependei-vos — exclamava Ele — porque é chegado o Reino de Deus». Ao mesmo tempo, ia espalhando, por onde quer que guiasse os Seus passos, tranquilidade e bem-aventurança, curando os enfermos, proferindo palavras de esperança e amor, ensinando os confundidos. A paz reinava abundantemente; era a paz dos corações e não a paz da apatia; era uma paz toda interior, uma paz completa e não a paz enganosa dos sepulcros. Mas o transe aproximava-se. Sim, Ele trazia a paz verdadeira, é certo, mas ao Homem não convinha essa paz, seduzido por loucas paixões, corrompido por interesses mesquinhos, inflamado por instintos grosseiros.

E a luta começou.

«Vieste destruir-nos?» — clamavam os endemoninhados. «Que autoridade tens para fazer essas coisas?» — perguntavam-lhe os fariseus.

Desde então o desassossego reinou na Terra, divididos o pai contra os filhos e estes entre si. As consciências vibravam com a presença do Redentor; aos poderosos, preocupava-os a inaudita doutrina e os ricos receavam o ocaso da sua majestade. Era necessário fazer calar essa Voz e indispensável extirpar da Terra essa Doutrina. Assim, a paz divina transformou-se em fogo devorador.

«Cuidais que Eu vim trazer paz à Terra? Enganai-vos, Eu vim trazer a espada».

E até o povo então operava prodígios. Os discípulos, de aldeia em aldeia, levavam a todos os lugares a Boa-Nova e o bálsamo de curas maravilhosas.

O ressentimento dos poderosos acentuava-se, contudo, de dia para dia. Procuravam com afã, um pretexto para lançarem mão do Nazareno e O matarem. E era necessário que tal acontecesse. Soou, portanto, a hora do triunfo precário do poder das trevas.

Não obstante o Mestre divino ir a caminho do Calvário, os Seus discípulos sentem que essa paz não os abandona, essa paz de tão transcendentes efeitos que ninguém lograra destruir. E a mesma calma repousa sobre Cristo, apesar de traspassado pela dolorosa agonia. «Filhas de Jerusalém, não choreis sobre Mim, mas chorai sobre vós mesmas».

(Conclui na 2.ª página)

ANTIGOS ESCOTEIROS

O «Sempre Pronto» foi visitado pela Fraternal

A Direcção e o Conselho Fiscal da «Fraternal» honraram o «Sempre Pronto» com a sua visita no dia 29 de Outubro passado. Estiveram na nossa Redacção os srs. dr. Alfredo Tovar de Lemos, presidente, José Manuel Miranda de Melo, José Vasques Filipe e João Patrício de Melo, da Direcção; e srs. António Manuel Ribeiro e Albano da Silva, do Conselho Fiscal. Os srs. Ernesto Clímaco do Nascimento, António de Mira Calhau e António F. M. Xavier de Brito, impossibilitados de comparecer, endereçaram os seus cumprimentos ao «Sempre Pronto».

Os visitantes foram recebidos pelo Corpo Directivo do nosso mensário, que agradeceu a amabilidade dos Corpos Gerentes da Fraternal e manifestou a sua satisfação por visita tão agradável.

O sr. dr. Tovar de Lemos, usando da palavra, afirmou que a Direcção da sua presidência se encontrava animada dos melhores propósitos de desenvolver a Fraternal de forma que ela corresponda, tanto quanto possível, aos objectivos para que foi criada. Disse mais, que desejava encetar esta nova fase de actividade visitando todos os organismos escotistas não só de Lisboa, mas mesmo das outras zonas do país, particularmente do Porto e do Algarve.

Tinha já sido visitada a Direcção dos Escoteiros de Portugal, a

(Conclui na 2.ª página)

Boas-Festas

«Sempre Pronto» apresenta a todos os seus leitores e amigos, sinceros votos de um Natal de Paz e Felicidade.

ANTIGOS ESCOTEIROS

(Conclusão da 1.ª página)

quem tinham apresentado cumprimentos. O sr. dr. Tovar de Lemos, continuando, disse que a Direcção tinha querido que a sua segunda visita fosse dedicada ao «Sempre Pronto», que tinha sido o pioneiro da organização da Fraternal e cujo trabalho a favor co Escotismo Nacional era digno da admiração de todos. Outros membros dos Corpos Gerentes se referiram também à acção desenvolvida pelo nosso jornal na organização da Fraternal e foram recordadas as reuniões então realizadas na Sociedade de Geografia e no Ateneu Comercial de Lisboa.

O ilustre Presidente da Fraternal informou ainda que seriam a seguir visitados todos os grupos de escoteiros de Lisboa, a quem a Direcção deixaria ficar, além de algumas palavras de estímulo, uma lembrança compatível com as suas disponibilidades financeiras e nenhuma seria melhor do que um exemplar do «Escotismo para Rapazes», exemplares que a Direcção da A. E. P. se prontificou a ceder pelo preço do custo.

A Direcção pensa também promover brevemente uma reunião de antigos escoteiros com fins de confraternização e tem ainda outros planos de trabalho que oportunamente irão sendo conhecidos.

Foi-nos pedido para sermos intérpretes de um apelo da Fraternal para a inscrição de novos sócios. Entre os milhares de Antigos Escoteiros há, certamente, muitos que desejam também pertencer à Fraternal. É necessário que esta reúna o maior número possível de elementos para que possa realizar uma mais larga actividade.

«Sempre Pronto» congratula-se com o entusiasmo que encontra nos novos Corpos Gerentes da Fraternal e formula votos de completo êxito para os planos que os mesmos têm em vista.

António F. M. Xavier de Brito

Encontra-se no leito com um ataque de apendicite, este nosso dedicado amigo, relator do Conselho Fiscal da Fraternal dos Antigos Escoteiros. «Sempre Pronto» deseja-lhe um breve restabelecimento.

Mártires da Hungria

A Direcção da Fraternal, impressionada com os trágicos acontecimentos da nação húngara, lançou um apelo a todos os Antigos Escoteiros para que contribuam para auxílio dos mártires da Hungria. Esta nação, quando era livre, possuía uma forte associação escoteira e ali se realizou em 1935 o VI Jambori Mundial.

A Fraternal lembra que as ofertas irão, certamente, em benefício de muitos camaradas nossos, que também têm sido dignos dos seus ideais.

As ofertas poderão ser enviadas para a Sede da Fraternal na Rua de S. Paulo, 254-1.º, em Lisboa, sendo depois entregues à Cruz Vermelha Portuguesa.

TEMPO DE TRÉGUAS

(Conclusão da 1.ª página)

Sim, a Ele nada O podia atingir; estava muito acima das misérias e dos sofrimentos humanos.

Morto o Messias ao fim da mais trágica das paixões, nem mesmo assim a luta terminou, antes esboçava-se um glorioso triunfo que lhe emprestaria novo alento e lhe permitiria abalar os alicerces da soberba e vencer os séculos e as potestades.

* * *

Os acontecimentos dos nossos dias, a que o mundo assiste atónito e horrorizado, são reflexos dessa luta tremenda travada contra os agentes dos que aborrecem a paz de Cristo, já porque as trevas não compreendem a verdadeira Luz, já porque nem mesmo a podem ou querem conhecer. Seja na Hungria angustiada, seja entre os mártires da Colômbia ou em qualquer outra parte da Terra, é essa mesma luta de titãs que prossegue, onde novas vítimas se oferecem em ingentes sacrifícios, a fim de que a Luz conserve toda a intensidade e continue a brilhar eternamente até os confins do mundo.

Aproxima-se o Natal e aqui deixamos o nosso apelo: que, num último gesto de clemência, Moloque conceda a essas turbas dizimadas pela a narga tragédia uma pequena trégua; isso permitir-lhes-á que também elas possam escutar enlevadas os doces cânticos da Natividade e os sons harmoniosos da paz. Que o homem, baixando as armas, suspenda as suas atrocidades; que se cale, por um pouco, a voz dos fratricidas, ainda que depois o canhão volte a troar e o punhal seja brandido nas trevas. Por ora, celebremos esta data feliz. Façamos, pois, a trégua, embora depois a luta recomece outra vez.

JOEL RIBEIRO

Câmara Pestana

Tendo passado em Novembro o 57.º aniversário da morte do lente da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, Dr. Luís da Câmara Pestana, no combate à epidemia de peste bubónica que grassou no Porto, em 1899, deixando um formoso exemplo de abnegação, digno de ser meditado pelos escoteiros, SEMPRE PRONTO publica um escorço biográfico do ilustre sábio, extraído, com a devida vénia, da GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA. Também o PORTUGAL, Dicionário Histórico, de Esteves Pereira e Guilherme Rodrigues, publica uma biografia de Câmara Pestana, ilustrada com o seu retrato.

CÂMARA PESTANA (LUÍS DA) — Médico e professor português, n. no Funchal em 1863 e m. em Lisboa em 15 de Novembro de 1899. Médico pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (1899) onde se distinguira como aluno, interno e depois cirurgião do Hospital de S. José. Pestana começou a interessar-se pela Bacteriologia, então ciência nova, quando ainda estudante. Para ele se criou no Hospital de S. José um pequeno laboratório onde iniciou os seus trabalhos com Aníbal Betencourt. Bombardera-lhe a função oficiosa de preparador de Histologia e Sousa Martins fizera-o enviar a Paris onde aperfeiçoou os seus já sólidos conhecimentos bacteriológicos, no Instituto Pasteur, com Charrin e Strauss. Em 1892 criou-se o Instituto Bacteriológico, de que foi nomeado director, e onde passou a fazer-se tratamento anti-rábico. Pestana, entretanto, distinguia-se não só com os seus trabalhos científicos, em que avulta o estudo sobre o tétano (1892), que contém as bases da soroterapia, a descoberta do poder preventivo e terapêutico do soro de animais imunizados contra certas infecções (feita no mesmo ano e independentemente dos trabalhos de Behring e Kitasato), como também pelos seus estudos e acção no combate a epidemias (a febre tifóide de Lisboa, a epidemia lisbonense de 1894, que alguns consideravam como sendo a cólera e cujo vibrião foi descrito por Pestana). A retumbante comunicação de Roux sobre a soroterapia anti-diftérica (1894) e a acção de Pestana, chamaram a atenção da rainha D. Amélia, que sempre protegeu inteligentemente o Instituto Bacteriológico, para o qual se decidiu construir um edifício próprio, o actual no Campo de Sant'Ana. Câmara Pestana exercia, entretanto, uma forte acção renovadora na Medicina portuguesa, que procurava fazer assentar na Anatomia Patológica e na Bacteriologia. À sua volta agrupavam-se discípulos entusiastas: Aníbal Betencourt, Morais Sarmento, Carlos França, Aires Kopke, Gomes de Resende, Reis Martins, Belo Morais, Francisco Gentil, José de Magalhães e outros ainda. Em 1898, precedendo concurso, foi nomeado lente substituto da secção médica da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde foi reger não só Medicina Legal e Higiene, como também Anatomia Patológica, cadeira cujo ensino logo renovou. Quando, no ano seguinte, se declarou a epidemia de peste bubónica do Porto, Pestana fez parte, primeiro da comissão nacional, depois da comissão internacional do estudo da epidemia e incansàvelmente trabalhou, rodeado do respeito e da admiração de todos, nacionais e estrangeiros, até que, após uma primeira inoculação, de que se salvara, veio sucumbir a novo ataque, já em Lisboa. A sua morte, heròicamente suportada e de que o seu médico e discípulo dedicado, Belo Morais, escreveu eloquente relação, produziu em todo o país a mais funda impressão e foi pelos meios médicos considerada irreparável perda. Sucedeu-lhe, a seu pedido, transmitido *in-extremis* à rainha, o seu fiel discípulo Aníbal Betencourt e o Real Instituto Bacteriológico recebeu o nome, que conserva, de Câ-

(Conclui na 3.ª página)



Quando o Lorde Point abandonou os óculos...

Quando girei a maçaneta da porta, o velho relógio da sala dava lentamente as 11 badaladas da manhã, como se proferisse uma súplica. O sol entrava através das cortinas de renda e ia-se reflectir na parede fronteira. Penetrei no escritório de Lorde Point, mas estranhei não o encontrar, como era hábito. Lorde Point, nos outros dias, àquela hora, já tinha escrito o seu artigo que deveria sair no dia seguinte no «Express», de que era há longo tempo um dos principais redactores.

Encaminhei-me para a secretária disposto a esperar pelo dono da casa até que ele viesse. Apoiei-me na velha escrivaninha de mogno, que já se devia encontrar naquele lugar há mais de meio século, entre aquelas cinzentas paredes e fixada ao carcomido soalho, resignada, impassível, como se fosse ali o seu túmulo.

Sobre a secretária encontrava-se a avelhentada pasta de pele de búfalo, que já tinha pertencido ao Marechal Point, pai do dono da casa, o qual servira nas tropas francesas, e mais tarde emigrara para Inglaterra e aí constituiu família. Lorde Point foi o único filho do casamento do Marechal com a Marquesa de Stroer. A pasta estava cheia, como de costume, de papéis, artigos para o «Express», documentos, cartas com saudades, desgostos e talvez aflições, tudo guardado ao acaso.

Por fim, acabei por me sentar no cadeirão da secretária, que era de verga e tinha vindo da Madeira. Reparei então que os óculos de aros grossos estavam para ali num equilíbrio instável, desprezados, numa fria indiferença. Os óculos de Lorde Point, os companheiros inseparáveis de trabalho e de gozo, a luz dos seus olhos, e no entanto, abandonados.

Aquela cena queria dizer que Lorde Point tinha deixado a sala precipitadamente.

Até o cachimbo! Objecto que, com os óculos, fazia parte da suas feições familiares. Os olhos azuis claros, vistos através das grossas lentes, as faces pálidas e enrugadas donde se distinguia o bigode frisado e o nariz regular, o cachimbo ao canto da boca, davam ao velho inglês, de cabeleira branca, o tipo do homem britânico.

Parecia-me estar a vê-lo entrar pela porta do fundo, encostado à bengala de castão de prata. Com um olhar evasivo mirei em redor para investigar qual fora o motivo da saída tão rápida do Lorde.

Desta minha observação detectivesca não resultou qualquer conclusão. Para mim estava tudo normal. Na minha frente via-se a estante, e, entre diversos tipos de livros, distinguia-se uma colecção, que, por ser encadernada de um vermelho vivo, eu lhes chamava os bizarros. Eram, como não podiam faltar numa estante inglesa, as obras de Shakespeare. Por cima, pendurado na parede, um enorme quadro a óleo.

Era o retrato de um homem que, se não tivesse «pera», diria ser Lorde Point. Era o pai, o Marechal Point. Na estante, alguns trabalhos manuais de indígenas africanos, que o Lorde trouxera quando regressou do Transval, o que, segundo ele me contou, tinha sido há uns quinze anos, onde tem ainda importantes propriedades.

Todo aquele ambiente tinha um cheiro a baunilha, que provinha do cachimbo de Lorde Point, esquecido na secretária e carregado de tabaco aromático.

Estranhara o Lorde desde que recebera a visita de um agente da «Mala Real». Não compreendi o fim daquela visita, e parece-me agora que ela teria relação com esta saída precipitada.

Entretanto, a porta do fundo abriu-se, delicadamente, movida pelo braço do antigo criado John, fiel servidor da casa, à qual dedicava todo o afecto.

— Sr. Jorge — começou ele — muito bom dia. Seu Tio espera-o no quarto de cima.

Ah! Sim, Lorde Point era meu tio, e eu estava sob a sua tutela, desde que meus pais fecharam os olhos para sempre e as suas almas foram perante Deus, por ocasião da horrível e cruel peste que matou centenas de cidadãos naquela cidade banhada pelo Tamisa. Já pouco me lembrava deles, pois só tinha três anos de idade.

Levantei-me e, numa corrida, saí da sala, sem perguntar ao velho amigo John, se meu tio estava doente ou se tinha acontecido alguma coisa.

Subi a três e três os degraus da escada, com a ajuda do corrimão, e os dois lances foram transpostos em menos de cinco segundos. Empurrei a porta, porque estava encostada, e perguntei:

—Dá-me licença, meu Tio?

—Entra, Jorge — replicou-me de dentro.

— Ah!

Uma exclamação saiu de mim como se qualquer coisa de anormal se estivesse passando, qualquer coisa que eu, naquelas lucubrações, não tinha previsto. E, se meu tio não me tivesse tornado a falar, com toda a certeza me teria retirado.

— Então rapaz! Ficas parado a olhar e não me vens falar?

Como não me mexesse, tornou-me a falar:

— Anda cá! Tenho uma novidade a dar-te.

Avancei, estranho, no meio de gavetas fora dos lugares, roupas por cima das cadeiras, malas abertas, contendo já objectos diversos. Mas que novidade seria? Talvez boa, pois meu tio estava mudado. Parecia outro. Não tinha óculos, e nem tão-pouco estava apoiado na bengala, parecia que Lorde Point tinha sido injectado com algum soro de juventude.

— Então — continuou meu tio — sabes? Vamos partir! Vê se adivinhas para onde?

Não respondi, mas encolhi os ombros e fiz um gesto com o qual dei a entender a meu tio que não fazia a menor ideia.

—Vamos para o Transval passar um tempo, porque na semana passada recebi a notícia de meu filho que já é pai.

E começou a cantarolar uma moda em voga.

—Transval—gritei eu—o sonho da minha vida! Ver África! Desvendar os mistérios da Natureza, ouvir os urros dos leões. Oh! Que maravilha!

—Vamos meu rapaz! Vai arranjar as tuas malas, que temos de partir ainda hoje, pois recebi há pouco tempo um telefonema da «Mala Real» a dizer se queríamos embarcar esta noite no «Queen Mary».

* * *

Ia para ano e meio que tínhamos chegado ao Transval. Estava assim satisfeita a minha curiosidade. Desvendara já, segundo o pensar de jovem que ama o perigo e a aventura, os mistérios da selva negra.

Durante os primeiros meses da nossa estadia no Transval, tudo para mim era sonho. A primeira caçada em que tomei parte foi um facto que nunca mais esquecerei. Sentia-me naquele momento um Tarzan, que ali, no posto indicado pelo chefe da expedição, aguardava o momento de desfechar a arma.

Passaram-se os primeiros meses e os programas modificaram-se. As caçadas e os passeios a cavalo deram lugar ao ténis e ao golfe. Como não apreciava estes desportos, passava as ardentes tardes deitado na minha cama de rede, e para ali estava horas esquecidas, lendo um livro ou fazendo o meu diário.

E assim se passara ano e meio. Tudo é maravilhoso e belo enquanto é novidade.

Aquele clima que há meses achara agradável, hoje detestava-o! E pensava como era bom o nevoeiro londrino, comparado com aquele doentio calor.

Estava eu embebido nestes pensamentos quando vi meu tio encaminhar-se para onde eu estava. Chegou junto a mim e deu-me as boas tardes.

— Muito boas tardes, meu tio! — respondi.

— Então, meu rapaz, que dizes a este calor? Sabes? — continuou — tenho uma novidade para ti. Vê se adivinhas.

— Não é difícil! O tio vem-me dizer onde é a próxima caçada.

— Falhaste — exclamou meu tio com ar de triunfo. — Bem sei, que vocês, os jovens, são muito inconstantes. Só gostam de estar onde não estão.

Não respondi. E meu tio, vendo o meu silêncio, continuou, dando-me uma palmadita nos ombros.

— Bem, meu rapaz! Venho-te informar que na próxima semana regressamos a **Londres.**

Saltei da rede. Sentia imensa alegria e todos os meus movimentos saíram espontâneos. Ergui os braços para o Céu e gritei.

— Vou regressar! Big Ben! Big Ben! Já te estou a ouvir!

* * *

Oh! Ainda tenho sob os meus pés terras de África, mas, coisa estranha, o anúncio de meu tio fez despertar em mim nova emoção e começo desde já a sentir saudade do Transval.

JOSÉ EDUARDO RIBEIRO

Câmara Pestana

(Conclusão da 2.ª página)

mara Pestana. Pestana foi quem entre nós definitivamente implantou os estudos de Medicina Experimental, ao mesmo tempo que dava orientação nova à clínica. Ele próprio juntava as qualidades de clínico às de homem de laboratório. O seu Instituto veio a ser um centro de estudos em que os vários ramos da Biologia Médica encontraram abrigo, entre eles o de Histologia e Fisiologia, onde Athias desempenhou o papel de iniciador que tivera Pestana na Bacteriologia. Pode dizer-se que na história moderna da Medicina Portuguesa, a curta e fecundíssima passagem de Pestana marca uma nova era. Deixou entre outros escritos: *O micróbio do carcinoma*, 1889 (dissertação inaugural); *O Tétano*, Lisboa, 1892; *Etiologia da febre tifóide*, 1894; *Relatórios sobre a epidemia de Lisboa de 1894*; *A Soroterapia* (tese de concurso), 1898; vários artigos no *Arquivo de Medicina*, revista que fundara, e noutros jornais nacionais e estrangeiros, alguns em colaboração com Aníbal Betencourt, entre eles os publicados no *Centrablatt für Bakteriologie* (1895) sobre a epidemia de 1894 e o vibrião que identificava. Em 11 de Agosto de 1939 foi criado o Prémio *Luís da Câmara Pestana*, destinado a galardoar, anualmente, o melhor trabalho de Bacteriologia ou Anatomia Patológica realizado por um aluno das Faculdades de Medicina.

O Canal de Suez e os Portugueses

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Quando foram publicadas as sensacionais declarações do Presidente da República do Egipto, coronel Nasser, sobre a nacionalização do Canal do Suez, os amigos de Reinaldo, jovem oficial da marinha mercante, procuraram-no para troca de impressões.

— Então, que dizes sobre os acontecimentos? Tu, que és rapaz culto e viajado, já tens certamente uma opinião...

— Tu o dizes, amigo Elias — retorquiu o oficial, sorrindo. — Posso desde já esclarecê-los de alguns pormenores, que colhi no *Almanach de Lembranças para 1852*, de Alexandre Magno de Castilho, e que lhes vou ler, se me não interromperem.

— Combinado! — exclamou o Maia — Vamos lá ouvir. Mas, isso não é anterior à abertura do Canal?

— Sim, do canal aberto por Fernando de Lesseps. Ora ouçam:

No meio do silêncio dos amigos, Reinaldo leu a cópia que fizera do artigo.

> Canal no Istmo de Suez: *Foi uma das mais atrevidas obras da antiguidade, principiada, segundo se crê, por Sesostris, e em que se gastaram somas imensas; diz-se que morreram nesta empresa mais de 120.000 egípcios, e que não fora levada ao cabo logo da primeira vez por haver predito um oráculo que por ali se abria uma passagem para o Egipto aos estrangeiros. Dario continuou o canal, mas também o não concluiu, por lhe haverem asseverado que alagaria o Egipto em razão de ser o Mar Vermelho muito mais alto do que o Mediterrâneo; foram os Ptolomeus que o terminaram, e que por meio de comportas o abriam e fechavam. Tinha 100 côvados de largo, e profundidade bastante para embarcações do maior lote; o seu comprimento era de mais de cem léguas. Este canal, de grandíssima utilidade para o comércio, está, hoje, quase entulhado e apenas se lhe distinguem fraquíssimos vestígios.*

— Pois eu desconhecia a existência desses canais — observou o Maia.

— Mas falemos do actual, que várias vezes percorri e é uma extraordinária realização do génio humano. Tem cerca de 160 quilómetros de comprimento, 70 metros de largura e 12 de profundidade. O movimento é feito só num sentido, em comboio de navios, levando, pouco mais ou menos, quinze horas a atravessar, tendo a prioridade os barcos que navegam do Oriente para o Ocidente. De noite, os navios levam na proa potentes faróis para evitar abalroamentos. A travessia é, meus amigos, espectáculo de rara beleza. Do lado esquerdo, no sentido Suez-Port Said, vêem-se moradias, parques, jardins, praias, vivendas cobertas de trepadeiras, tamareiras com seus cachos vermelhos, campos de milho e cana de açúcar cultivados pelos *felás*, os pacientes e infatigáveis camponeses egípcios. Aqui e além, pastam camelos e ovelhas. Nas valas e nas ribeiras, a água sussurra.

— E do lado direito? — perguntou Elias.

— A paisagem é perfeitamente oposta. Apenas a majestade do deserto: planícies e montanhas de areia, atravessadas, de longe em longe, por pequenas caravanas.

— Vai de Suez a Port-Said, não é verdade.

— Sim. A meio, encontram-se dois grandes lagos, onde os navios esperam a sua vez de subir ou descer. Passam-se as cidades de Ismailia e El-Kantara. Em Port-Said ergue-se a estátua de Fernando de Lesseps, o genial construtor dessa portentosa obra de engenharia.

— Era francês?

— Sim, nascido em 1805 e falecido em 1894. Esteve em Lisboa como adido ao consulado geral de França. Mas já era velho o projecto de abrir o canal. No século XVI, os venezianos pensaram nisso, o mesmo acontecendo a Napoleão, quando da invasão do Egipto. A questão voltou a agitar-se em 1846, em França, até que Lesseps apresentou ao *quedíva*, que assim se chamava o soberano do Egipto, um plano que foi aceite e, em 1856, um *firman* concedia-lhe autorização para os trabalhos.

— E quando foi inaugurado o Canal?

— Em 17 de Novembro de 1869, com a passagem de uma frota composta por barcos de várias nações, indo à frente o «*Aigle*», que transportava a Imperatriz Eugénia, de França. Para solenizar tal acontecimento, o célebre músico Verdi compôs a ópera «*Aída*».

(Conclui na 7.ª página)

NOTÍCIAS DO JAMBORI DO JUBILEU

Notícias do «JIM»

O General Sir Rob Lockhart, subchefe escoteiro da Grã-Bretanha, será o Chefe de Campo do 9.º Jambori Mundial do Jubileu, comemorativo do Cinquentenário do Escotismo e do Centenário do seu Fundador, Baden-Powell, que, como já é do conhecimento dos nossos leitores, se vai realizar no Parque Sutton, perto de Birmingão, Inglaterra, em Agosto de 1957.

O Adjunto do Chefe de Campo será A. W. Hurll, Comissário Chefe Executivo da Sede Central da Associação dos Escoteiros de Londres.

A abreviatura JIM, para designar esta grande concentração de escoteiros, está já consagrada pelo uso em todas as associações. — Porquê JIM? Porque não se trata apenas de um Jambori, mas também de um Indaba e de um «Moot». As iniciais das três palavras, tornadas já internacionais pelo escoteiros das diferentes nações, deram-nos a designação de JIM (Jambori, Indaba, «Moot»).

São muitas as notícias que nos chegam do JIM e, por elas, podemos comprovar que os Escoteiros Britânicos preparam este grande acontecimento do Mundo Escoteiro com a maior eficiência.

Preço do Acampamento

O preço do acampamento é de 10 libras por pessoa para todos os participantes, seja qual for o campo a que se destinem. O pagamento de 1 libra de sinal deverá ser feito antes de 1 de Janeiro de 1957, e o complemento deverá ser pago antes de 30 de Junho de 1957. Os serviços administrativos pedem, no entanto, para que o seu trabalho seja simplificado, que o pagamento seja feito tão cedo quanto possível for.

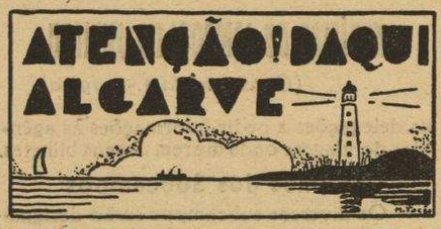
Este preço compreende as despesas de alimentação, insígnias oficiais, manuais e excursões durante o tempo do Jambori, assim como as despesas administrativas.

Despesas de viagem

O preço da viagem de ida e volta ao Parque Sutton, tanto no território britânico como no território estrangeiro, é a cargo das delegações, que devem ter em conta que é impossível acampar naquele Parque antes de 30 de Julho de 1957. As delegações que cheguem em 30 ou 31 de Julho devem tirar os seus bilhetes até ao Parque Sutton, mas, as que cheguem antes, devem tirar os seus bilhetes sòmente até ao local onde tencionem ficar.

Os bilhetes dos grupos de escoteiros dirigindo-se ao Jambori pelo caminho de ferro serão da tarifa reduzida. Aconselhamos

(Conclui na 6.ª página)



Grupo n.º 6—Olhão

Trofeu «CUSTÓDIO QUINTAS»

Este trofeu foi disputado este ano num exercício-jogo a que foi dado o nome de «Passeio Acidentado». O tema foi o seguinte:

O Chefe do Grupo convidou as suas 4 patrulhas para um passeio com itinerário desconhecido, mas informou, entretanto, que deveriam partir, uma de cada vez, de meia em meia hora, de determinado local e por determinada ordem prèviamente sorteada, devendo dirigir-se para a entrada do Mato Joinal, onde seriam encontradas instruções sobre o percurso a seguir.

* * *

Naquele local estava, realmente, junto ao terreno e preso a um pinheiro, um pequeno cartão dizendo: «Sigam 400 passos na direcção ONO». Após este cartão, mais sete se seguiam indicando direcções sempre diferentes, num percurso aproximado de 4.000 metros. No final, havia uma pista de mais de 1 km., que conduzia à entrada dum pequeno bosque de pinheiros mansos. Aí encontrava-se uma mensagem escondida ordenando que olhassem na direcção sul. Então, duma elevação, lá ao longe, o Chefe transmitia às patrulhas, à medida que iam chegando, a seguinte mensagem por homógrafo: «Venham aqui imediatamente, armem abrigos porque temporal aproxima-se de sudoeste».

Logo que chegavam junto do Chefe, as patrulhas iam improvisando, com panos de tenda, barracas devidamente orientadas a fim de resistirem ao temporal anunciado.

Após isto, eram informadas de que, sendo chegada a hora de aprontar o almoço, cada uma prepararia uma fogueira onde ferveria determinada quantidade de água, igual para todas.

Prestada esta prova, teve lugar o almoço. Mas almoço de verdade. Não a água fervida pelas patrulhas, mas o farnel levado por cada escoteiro. E com que apetite!...

Finda a refeição, foi dada ordem de desarmar as tendas e preparar para a continuação do passeio.

Mal se deixou o local, foi preciso passar um ribeiro e cada patrulha teve que lançar uma ponte feita com duas cordas sòmente. Passados todos os seus elementos para a outra margem, procederam ao trabalho de desmontagem e continuou-se o caminho.

A certa altura, fez-se uma paragem e o Chefe preveniu que ia afastar-se e as patrulhas deveriam ir ao seu encontro, logo que ouvissem apitar, pela ordem de saída no início do exercício. Assim, ao ouvir apitar «SOS», a patrulha Andorinha em passo de escoteiro, foi procurar o Chefe. Este estava junto duma ponte e lá em baixo, no leito do ribeiro, jazia um dos camaradas mais novos. O Chefe informou aquela patrulha de que ele estava à beira dum poço onde caíra há pouco o rapazito que se encontrava desmaiado lá em baixo. Imediatamente foi feita uma «cadeira de salvação» e arriado nela o escoteiro que melhor sabia nadar. Lá em baixo desembaraçou-se da «cadeira» e colocou nela o afogado que foi imediatamente içado e submetido aos movimentos da respiração artificial. Esta prova foi, depois, prestada pelas restantes patrulhas, sem assistirem umas ao trabalho das outras.

Por este mesmo processo e durante o caminho, tiveram que prestar socorros num caso de fractura de tíbia, transportando também o sinistrado por determinado percurso em maca improvisada; socorreram um ho-

(Conclui na 7.ª página)

Carta aberta ao correio-mor

A leitura de um artigo publicado nas conhecidas *Selecções do Reader's Digest*, de Junho de 1956, levou-nos a fazer algumas considerações.

Intitulava-se o artigo *Lembro-me de Tia Daisy*. Escrito por Arthur Gordon, era «um carinhoso retrato da imprevisível fundadora do bandeirantismo na América».

Com a devida vénia, transcrevemos algumas passagens, esclarecendo, desde já, que o bandeirantismo — designação baseada na epopeia dos *bandeirantes* metropolitanos e paulistas — é a designação brasileira do escotismo feminino.

«Desde o aparecimento de minha tia Daisy num selo postal me preocupo com ela, — escreve o autor. — Tenho reparado que, no momento em que se tem a efígie num selo, não se é mais uma pessoa — é-se uma instituição».

Depois Arthur Gordon faz um escorço biográfico da fundadora do escotismo feminino nos Estados Unidos. Juliette Gordon nasceu em 1860 na Avenida Dglethorpe, em Savannah, na Georgia, numa velha casa que, no corrente ano, as escoteiras iriam restaurar e transformar num museu do bandeirantismo.

Conhecida pelo nome de Daisy, foi criada com cinco irmãos e irmãs. Casou com um inglês, William Low, e, pouco depois, ensurdeceu devido a uma série de infecções no ouvido. Viúva, sem filhos, conheceu *Sir* Robert Baden-Powell, e dele recebeu as ideias e a inspiração que a levaram à fundação do escotismo feminino na América.

Continuemos, porém, a dar a palavra ao autor do artigo:

«... em 1912, com a idade de 52 anos, regressou a Savannah armada de um Manual da Bandeirante Inglesa e da resolução de levar o bandeirantismo às moças da América.

A princípio ninguém a levou a sério. Era surda, de meia idade e nunca se envolvera em nenhuma obra pública de grande monta em toda a sua vida. Em verdade, sua surdez foi-lhe vantajosa para lançar a organização das Bandeirantes; quando pedia às pessoas que assumissem esta ou aquela responsabilidade e elas declinavam, tia Daisy agradecia-lhes docemente por terem-na aceito. Isto, muitas vezes, as envergonhava a ponto de voltarem atrás na recusa. Seus amigos, no entanto, estavam acostumados às suas manias repentinas, mas de curta duração. A família caçoava impiedosamente dela e esperava que o seu interesse pelas Bandeirantes diminuísse.

Mas isso não aconteceu. E ela foi de cidade em cidade, através dos Estados Unidos, fazendo discursos, organizando grupos, escolhendo chefes, revisando manuais — e arcando sòzinha com todas as despesas, embora por esse tempo seus recursos fossem limitados. Em 1914, vende suas pérolas para fazer face aos custos sempre crescentes da organização. Em 1916, quase 5.000 moças já se haviam inscrito como Bandeirantes na América. Hoje há dois milhões, além de um quarto de milhão de chefes».

Juliette Gordon faleceu em 1927. Como se depreende das palavras do autor do artigo, os Estados Unidos editaram um selo postal evocando a figura da mulher «impulsiva e imprevisível» que fundara no seu país o escotismo feminino.

Não foram, porém, só os Estados Unidos que homenagearam filatèlicamente, a genial criação de Lorde Baden-Powell. Outros países procederam da mesma forma. Ainda há pouco, tivemos o casião de admirar uma interessante série de selos da Indonésia, comemorativos de um *Jambori* nacional. Aquela jovem e tão distante república compreende também o extraordinário alcance deste inigualável movimento da juventude.

* * *

Em Portugal o escotismo conquistou as suas *esporas de ouro*.

Como diz Antero Nobre, entre nós dos maiores vulgarizadores do *scouting*, «Portugal, apesar de caminhar sempre na retaguarda de todos os grandes movimentos educativos, foi um dos primeiros países do Mundo a adoptar o Escotismo, embora ainda por intermédio do extremo-oriente do seu grande Império Colonial e talvez por influência da India Inglesa, onde bem cedo a bandeira verde com a Flor de Lis fora desfraldada pela recentemente falecida Doutora Annie Besant, ilustre Presidente da Sociedade Teosófica e nesse tempo Reitora da Universidade Hindu de Benares». (1)

(Conclui na 6.ª página)

Carta aberta ao correio-mor

(*Conclusão da 5.ª página*)

Deu-se a revolta sangrenta de 14 de Maio de 1916. E, como diz ainda Antero Nobre, «as ruas de Lisboa transformaram-se em campo de batalha, onde corre a jorros sangue, não de inimigos, mas de irmãos(...) Pois todos os escoteiros de Lisboa, sem excepções, alheios a quaisquer políticas, que as não têm, não devem nem podem ter escoteiros, «compreenderam que num momento de calamidade, em que havia feridos, mortos e doentes, os seus serviços podiam ser utilizados em benefício de alguém; e, porque uma das divisas dos escoteiros é serem úteis aos seus semelhantes, ei-los fazendo serviços nos hospitais, nos postos de socorro levantando e transportando feridos nas ruas, levando ao seio das famílias crianças perdidas, acudindo a incêndios, levando comunicações de um a outro ponto da cidade, por entre as balas que sibilavam nas ruas e ricochetavam nas calçadas, com risco da própria vida».

Daí para o futuro, os escoteiros, que até aí eram considerados — e isso já com muita benevolência — «garotos que brincavam», passaram a impor-se à consideração de todos.

Em 1917, a Associação dos Escoteiros de Portugal era reconhecida como *instituição benemérita e de utilidade pública.* Três anos depois, Portugal fazia-se representar no 1.º *jambori* internacional, em Londres, com dez escoteiros, facto de que resultou a sua filiação no *Boy Scouts International Bureau* e ser considerado *um dos países fundadores do movimento escotista.*

Grandes serviços ficou devendo a Nação aos escoteiros. E quando empregamos o termo *escoteiros,* queremos referir-nos não só aos componentes da Associação dos Escoteiros de Portugal, como aos nossos irmãos do Corpo Nacional de Escutas e ainda aos elementos da extinta União dos Adueiros, um dos quais, Manuel de Bettencourt, morreu, vítima da sua abnegação, quando socorria feridos durante a revolta de 7 de Fevereiro de 1927.

Há já alguns anos que a Administração-Geral dos Correios e Telégrafos vem editando selos que constituem autênticas lições de arte, de etnografia e de história, quer evocando gloriosos antepassados, quer reproduzindo trajos polícromos do nosso povo, etc., etc. Em face de actividade tão verdadeiramente construtiva, julgamos não ser despropositado sugerir que aqueles Serviços Públicos editem um selo dedicado ao escotismo português.

Constituía assim uma homenagem ao muito que Portugal deve ao escotismo, movimento que tem educado no culto da honra e no amor da Pátria algumas gerações de milhares de rapazes, muitos dos quais têm desempenhado, e desempenham hoje, as mais elevadas situações.

Que o ilustre Correio-Mor se digne tomar na devida consideração este alvitre, são os nossos mais ardentes desejos a bem da Nação.

MANUEL FERREIRA
ANTIGO ESCOTEIRO

(1) Antero Nobre. *O Escotismo em Portugal* (conferência pronunciada na «Sala Algarve» da Sociedade de Geografia de Lisboa em 6 de Dezembro de 1933). Tipografia de Queluz, 1934.

N. da R. — O alvitre do nosso ilustre colaborador, antigo escoteiro que, apesar de ainda jovem, tem já uma brilhante folha de serviços prestada à Nação, quer como funcionário zeloso e dedicado na mais distante parcela do nosso território ultramarino, quer como escritor de cuja pena têm saído inúmeros contos infantis de divulgação histórica e orientação educativa, que, num estilo vivo e numa linguagem atraente e acessível, têm feito a delícia de muitos pequeninos leitores das mais variadas revistas e jornais portugueses; diziamos nós, que o alvitre do nosso colaborador merece todo o apoio do «Sempre Pronto» e, estamos certos disso, dos milhares de antigos escoteiros que afirmam a sua formação escoteira servindo a Pátria nos mais variados sectores de actividade nacional.

Comemora-se no próximo ano o centenário de Baden-Powell, fundador do Escotismo e grande amigo e admirador de Portugal, conforme o afirma nas repetidas referências feitas nos seus livros à obra civilizadora dos Portugueses, cujos feitos enaltece com apreço. Muitas nações do Mundo livre vão homenagear a sua memória emitindo selos postais comemorativos e, entre estas, figura a Grã-Bretanha, sua Pátria, onde, até hoje, se fizeram apenas 12 emissões especiais de selos comemorativos. Parece-nos que esta será também uma interessante oportunidade para que o Senhor Correio-Mor possa atender o alvitre do nosso colaborador, sugestão que nós apresentamos como um pedido a que se associam escoteiros e, sobretudo, os Antigos-Escoteiros Portugueses.

Tirar a amizade da vida, seria tirar o sol ao mundo.

CÍCERO

NOTÍCIAS DO JAMBORI DO JUBILEU

(*Conclusão da 4.ª página*)

as delegações a pedir informações às agências de viagem onde tirarem os seus bilhetes.

Nomes dos Subcampos

Os diversos subcampos serão designados pelos nomes dos oito Jamboris até agora realizados, e serão:

Local Quartel-General — Olímpia
Subcampos do Jambori — Copenhaga
Parque Arrowe
Gödöllö
Moisson
Vogelenzang
Campo "Rover-Moot" — Bad-Ischl
Campo do Indaba — Niagara-on-the-Lake

Divisão das Delegações entre os locais de Acampamento

Cada grupo de 32 ocupará um local de aproximadamente 33 m. x 33 m. Na medida do possível, as delegações serão distribuídas entre todos os subcampos do Jambori, para que cada subcampo seja por ele mesmo completamente internacional.

Em cada subcampo, a unidade de campo será o grupo e não o grupo de delegação. Outro tanto será feito no Campo do Indaba e do «Moot».

Hospitalidade

As delegações que desejem que os seus membros aproveitem a ocasião que lhes é oferecida para passarem alguns dias em casa dos Escoteiros da Grã-Bretanha, deverão informar o Comissário de Organização. A data marcada para esta informação terminava em 30 de Setembro passado, mas aquele Comissário informa que serão feitos esforços para acolher os Escoteiros em qualquer momento.

Emissão de selos comemorativos

O Correio-Mor da Grã-Bretanha, Dr. Charles Hill, anunciou na Câmara dos Comuns que será feita uma emissão especial de três selos comemorativos do Jambori do Jubileu. Os selos terão o valor de 2,5 dinheiros, 4 dinheiros, e 1.3 xelins.

Esta emissão comemorará assim o Centenário de Baden-Powell e o Jubileu do Escotismo, constituindo um facto notável, porquanto, é a primeira vez que o Governo do Reino-Unido autoriza a emissão de um selo escoteiro. Além disso, as emissões especiais são raras na Grã-Bretanha, onde até hoje foram feitas apenas 12 emissões especiais de selos.

Os Filatelistas poderão ainda dispor de uma série de sobrescritos especiais, onde poderá ser oposto o carimbo do 1.º dia.

• • o • •

Ajude o
ESCOTISMO MUNDIAL

tomando parte na campanha de selos postais

«THE STAMP SCHEME»

Pode ajudar a levar o Escotismo a terras distantes auxiliando o grande desenvolvimento da fraternidade mundial.

Peça aos Escoteiros do seu grupo, aos pais, amigos para oferecerem os selos postais usados.

Corte os cantos dos sobrescritos, reúna esses selos e remeta-os ao:

Boy Scouts International Bureau
132, Ebury Street, London S.W. 1
ENGLAND

ou, se quiser, faça a remessa por intermédio do «SEMPRE PRONTO».

A Repartição Internacional conseguirá reunir fundos com a venda destes selos para auxiliar a expansão do Escotismo no Mundo e o prezado Leitor estará assim cooperando nesta grande obra.

O Canal do Suez e os Portugueses

(Conclusão da 4.ª página)

— E os portugueses também se fizeram representar nesse desfile?

— Saíram do Tejo, para representar Portugal, a galera de comércio «*Viajante*», que, sob o comando do experimentado *lobo do mar* José Gonçalves Sabino, ia a Macau, e dois dias depois a velha e histórica corveta de guerra «*Estefânia*». Sucede, porém, que se desencadeou um temporal no Mediterrâneo que atrasou o andamento da corveta, a qual já não chegou a tempo.

— E a galera?

— Essa chegou a horas a Port-Said, e a nossa bandeira, que orgulhosamente ia içada, recebeu as homenagens dos navios de todas as nacionalidades que tomaram parte no desfile. Como não houvesse pilotos para atravessar o Canal, nesse dia de festa, o capitão Sabino muniu-se de uma carta e meteu-se, arrojadamente, pelo Canal. Não sofreu qualquer percalço e saiu no Mar Vermelho. Foi, assim, o navio português, embora mercante, o primeiro a atravessar o Canal de Suez, segundo uma local publicada no «Diário de Notícias» de 1 de Setembro último.

— E assim devia ser. Portugal está tão ligado à história daquelas paragens! Ali fizemos ondular orgulhosamente, as nossas flâmulas e ecoaram os tiros das nossas bombardas!...

— Dizes bem, Elias. Como particulares, apenas como simples particulares, assistiram também à cerimónia dois portugueses, o conde de Resende e seu cunhado, jovem escritor, então quase desconhecido, chamado José Maria de Eça de Queirós, cuja crónica «*De Port-Said a Suez*» foi incluída na sua obra «*Notas Contemporâneas*». A sua viagem ao Egipto, foi, como sabem, publicada num volume póstumo.

— Ficou, então, Portugal ligado à abertura da grande obra de Lesseps.

— Sem dúvida alguma. O Canal de Suez motivou a publicação de uma obra do insigne camoneanista, Visconde de Juromenha, intitulada «*O Istmo de Suez e os Portugueses*», publicada em 1870. E, segundo o magistral artigo publicado no «Diário de Notícias» de 28 de Agosto, por R. C., sob o título «*Os Portugueses e o Canal de Suez*», quando Lesseps esteve na Península, publicou-se em Paris a famosa obra «*Roteiro da viagem de D. João de Castro ao Mar Roxo*», até então inédita. Nesse livro, aquele que foi o mais honrado dos vice-reis da Índia, discute por onde seria possível estabelecer uma comunicação entre o Mediterrâneo e o Mar Vermelho, a que os portugueses chamavam *Roxo*, indicando o local mais apropriado para o tentar. É possível, pois, que Lesseps tenha lido a obra. Mas quer a tivesse lido, quer não, o que é certo, meus bons amigos, é que a hipótese da ligação dos dois mares foi cientìficamente prevista pelos portugueses, — e é esse um dos nossos títulos de glória...

MANUEL FERREIRA

Atenção! Daqui Algarve

(Conclusão da 5.ª página)

mem com parte duma perna decepada por um comboio e trouxeram uma criança para fora duma casa a arder.

Pouco depois, o Grupo chegou à Mata de Belomonte e o Chefe indicou uma árvore no cimo da qual estava um «tesouro» destinado a ser repartido por todos aqueles que lá chegassem subindo por uma corda. O «tesouro» compunha-se de vários pacotes de bolachas.

Assim terminou este «Passeio Acidentado».

Todas as provas tiveram duas classificações: — Uma correspondente ao tempo gasto e outra, à perfeição.

A classificação final foi a seguinte:

1.ª — Patrulha «GALO» com 911 pontos.

2.ª — Patrulha «ÁGUIA» com 794 pontos.

3.ª — Patrulha «ANDORINHA», com 749 pontos.

4.ª Patrulha «TIGRE», com 618 pontos.

A patrulha «GALO» é a detentora do trofeu desde há dois anos.

Todo o exercício decorreu com muito entusiasmo, afinco e lealdade. — *C.*

Grupo n.º 60 — Vila Real de St.º António

O Grupo acampou junto à mata local em 18 e 19 de Agosto, e em Monte Gordo em 25 e 26 do mesmo mês, tendo colaborado activamente no policiamento e sinalização das ruas da Vila, quando da chegada dos corredores que tomaram parte na Volta a Portugal em bicicleta. Esta colaboração mereceu algumas referências da imprensa diária.

A Patrulha «Poupa» venceu mais um trimestre do Concurso «Trofeu Grupon.º60». Este desperta agora o máximo entusiasmo entre as Patrulhas dado que a «Poupa», vencedora em três trimestres, se encontra com a mesma pontuação da «Águia» e o Concurso pode ter o seu término no trimestre decorrente.

O trofeu é definitivamente atribuído à Patrulha que obtiver o primeiro lugar em 4 trimestres, seguidos ou alternados, e não deve já contar-se com a «Lobo», que apenas conseguiu vencer um trimestre. — *C.*

• • o • •

Só há um meio de edificar sòlidamente para o tempo e para a eternidade: é edificar sobre a virtude. — SILVEIRA MALHÃO



UM PROBLEMA DIFÍCIL

— Marca lá um tento a meu favor — exclamou o João assim que, na reunião da patrulha, avistou o Carlos. — Desta vez adivinhei, aliás o problema é relativamente fácil.

— Então como arranjaste a solução? — perguntou-lhe o Carlos.

— Vou dizer-te com toda a boa vontade. No enunciado do problema, o único dado concreto é os 40 litros de vinho existentes em cada uma das pipas ao fim daquelas operações todas. É, partindo daí, que vamos desvendar a questão. Sabemos, pois, que, na última operação, o armazenista vasou, da 1.ª para a 2.ª pipa, uma porção de vinho igual à que já lá estava. Ora, se ficou com 40 litros, quer dizer que juntou 20 litros a 20 que lá se encontravam...

— Exactamente, — confirmou o Carlos.

— Se ele tirou 20 litros da 1.ª e esta ficou com 40, é porque tinha, anteriormente, 60.

— Muito bem, — interrompeu novamente o Carlos. — Apesar das pipas serem de vinho, isso é claro como água.

Todos riram com a chalaça, e o João continuou:

— A segunda operação diz-nos que o dono das pipas vasou na 1.ª uma quantidade igual à que já lá havia. Se ficou com 60 litros, é porque já estavam lá 30, tendo os outros 30 saído da 2.ª pipa, a qual, antes disso, tinha, por conseguinte, 50 litros, já que depois, como vimos, restaram só 20 litros. E chegamos, assim, à primeira operação: se a 2.ª pipa ficara, nessa altura, com 50 litros, depois de se vazar uma quantidade de vinho igual à que lá estava depositada, é porque tinha, a princípio, 25 litros. Ora, se as duas pipas totalizavam 80 litros, a 1.ª pipa começou com 55 (80 — 25 = 55). Eis o problema resolvido.

— Estás de parabéns — disse o Carlos, dando-se por vencido.

— Obrigado. Faço votos por que também possa dizer-te o mesmo na próxima vez. Toma nota do problema que hoje trago para ti. Um galgo andava um dia a passear no campo quando avistou uma raposa. É sabida a animosidade que existe entre estes animais. Portanto, não é de estranhar que o galgo se tenha lançado em perseguição da raposa. Gostava que me dissesses quantos passos deu o galgo até alcançar a raposa, sabendo que, entre os dois, medeava a distância de 40 passos de raposa e que o espaço percorrido por 7 passos de galgo é igual a 12 passos de raposa e que o tempo que esta demora a dar um passo é igual ao do galgo.

— O problema é interessante, — redarguiu o Carlos — mas parece-me um pouco confuso...

E, muito satisfeitos, os componentes da patrulha «Veado» abandonaram a sede, conjecturando sobre as possibilidades do Carlos em achar a solução do problema.

* * *

Mandaram-nos a solução certa do último problema os nossos estimados leitores srs. Fernando Sanches e António da Silva Alberto, de Lisboa.

Os nossos leitores que, durante o mês presente, nos enviarem a solução certa deste quebra-cabeças, receberão uma lembrança do «Sempre Pronto», como habitualmente.

• o •

IMPRENSA

«Semeador Baptista»

Este nosso estimado colega de Leiria comemorou, em Novembro passado, o seu 31.º aniversário. Felicitamo-lo e desejamos novos progressos.



Novas assinaturas para o «Sempre Pronto»

Campanha Centenário de Baden-Powell

Continuam a entrar novas assinaturas do «Sempre Pronto», graças à colaboração de amigos, que manifestam assim a sua estima por esta obra.

Uma das assinaturas entradas tem para nós especial significado. Foi a Fraternal dos Antigos Escoteiros. Inscreveu-se ela própria como assinante, correspondendo ao nosso apelo com um gesto simpático.

Os restantes proponentes foram os nossos amigos:

Sr. Fernando Sanches, do	Grupo 10	3 assinaturas
» José de Jesus Ferreira,	» »	1 »
» António Pestana,	» » do Funchal	3 »
» Armando Garcia Inácio,	» 94	1 »
» Vítor Venâncio,	» » 6, Olhão	1 »
» José Manuel de Jesus Fernandes,	do 60, V. R. Sto. António	4 »
» Manuel Gomes Godinho,	» 60 »	2 »

Entraram, portanto, mais 16 assinaturas, o que eleva o total da campanha para 66 assinaturas. O número é bastante animador e demonstra já o interesse que a nossa campanha vai despertando. Precisamos, porém, de um maior avanço a caminho do alvo de 500 assinaturas. Lançamos, por isso, um apelo a todos os nossos amigos. Que cada um faça um esforço para nos mandar mais uma assinatura. *Esta poderá ser mesmo uma lembrança de Natal a favor de um Escoteiro*, a quem nós escreveremos um cartão de Boas-Festas, comunicando o presente em nome do amável ofertante.

À medida que as assinaturas forem pagas, remeteremos aos proponentes as senhas para o sorteio da magnífica viagem a Madrid. O proponente da 75.ª assinatura receberá, como foi anunciado, um talher de campo. Se preferir, poderá receber o livro «Éclaireurs» de B.-P., tradução francesa do texto integral do «Scouting for Boys».

No próximo número, indicaremos a classificação das Patrulhas para os óptimos prémios colectivos. Haverá alguma patrulha capaz de ganhar a *Tenda de Patrulha*? É sòmente preciso que toda a Patrulha proponha 100 assinaturas. Se propuser 50 terá uma cantina!

Mande-nos uma nova assinatura!

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De luto — Pelo falecimento de sua Mãe, ocorrido recentemente, encontra-se de luto o nosso estimado assinante e amigo sr. Feliciano Negreiro, a quem apresentamos condolências sentidas.

Também se encontra de luto, por falecimento de seu Tio, sr. José Afonso, ocorrido em 17 de Novembro passado, o nosso estimado amigo e assinante sr. José Maria Afonso, antigo escoteiro do Grupo 94. Apresentamos-lhe sentidos pêsames.

FAUSTINO LEITÃO

Este nosso bom companheiro de redacção encontra-se já em sua casa, convalescendo da grave enfermidade que o reteve no Hospital. Regozijamo-nos pelas melhoras que já alcançou e fazemos votos de que o seu restabelecimento seja rápido.

Alcateia do Grupo n.º 94

O Grupo da Ajuda viveu no passado Domingo, dia 21 de Outubro, um verdadeiro dia de festa. Tratava-se da reorganização da sua Alcateia, tendo prestado Promessa 10 novos lobitos.

A cerimónia foi presidida pelo Escoteiro-Chefe do Grupo, o nosso camarada Capitolino Ferreira Macedo, e a Promessa foi tomada pelo Escoteiro José Eduardo Pena Ribeiro, que está dirigindo esta divisão do «94».

Os lobitos apresentaram depois um programa de canções, de que se desempenharam com entusiasmo, proporcionando uns momentos alegres às suas famílias, que se encontravam presentes em grande número.

Os escoteiros do grupo ajudaram a completar o programa com números do seu reportório dos fogos de conselho.

A Alcateia continua em boa actividade e novos aspirantes estão ingressando. Em breve ser-lhe-á dedicado um interessante programa de projecções do Departamento Audio-Visual Evangélico, gentilmente cedido pela sua directora, sr.ª D. Romélia Meyer.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS



QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA



A Voz do Chefe

Essência do Movimento Escoteiro

O nosso fim é educar a geração futura para fazer dela cidadãos úteis que tenham um ponto de vista tão amplo como nunca o tiveram, e pela mesma forma desenvolver a boa vontade e a paz no mundo, por meio da camaradagem e da cooperação, em vez dessa rivalidade que prevalece nas classes sociais, nas religiões e nos países, o que tem dado origem a tantas guerras e ressentimentos.

A nossa profissão de fé não tem fim político, nem espírito de militarismo, nem espírito de dominação universal. É puramente social, posto que consideramos a todos os homens como irmãos, filhos de um mesmo Pai, entre os quais a felicidade só pode reinar com boa vontade, amplitude de ideias, e, enfim, por amor mútuo.

BADEN-POWELL